

O ataque à vocação exportadora

O motivo do protesto dos agricultores, com seus tratores e colheitadeiras ocupando avenidas e estradas, é simples: eles compraram os insumos básicos para plantar com o dólar a R\$ 2,90, e agora estão obrigados a vender a safra com dólar abaixo de R\$ 2,40. Essa diferença construiu uma crise que atravessou a porteira das fazendas e vitimou de agentes financeiros a prestadores de serviços. A venda de máquinas agrícolas, conforme os dados da Associação Brasileira da Indústria de Máquinas, despencou 21% no primeiro trimestre, em relação a igual período de 2004.

Os responsáveis pela atual política econômica preferem lidar com outro quadro. Falam muito, por exemplo, em crescimento do superávit comercial. Porém, como mostrou estudo do Centro das Indústrias do Estado de São Paulo (Ciesp), o Brasil exportou, em média, US\$ 8,150 bilhões nos primeiros três meses do ano, 25,7% mais que no primeiro trimestre de 2004, mas... o volume exportado representa a segunda queda trimestral consecutiva.

Não adianta comemorar a subida nas vendas externas deste trimestre em relação a 2004, quando este foi o pior desempe-

nho, em volume exportado, dos últimos cinco trimestres. Em outras palavras: estamos embarcando os contratos que foram fechados quando o dólar ainda não rompera a barreira de R\$ 2,70.

A política cambial foi usada para combater a inflação, com todos os riscos, como, aliás, notou também estudo do Ciesp, de

O câmbio, usado para combater a inflação, ajuda a conter a relação dívida líquida/PIB, mas inviabiliza contratos novos de exportação

que esse uso “pode provocar estragos significativos ao crescimento econômico”, porque o setor exportador, com a apreciação do dólar, “parou de investir”. Cortes de turno já ocorreram nos setores de calçados, têxteis, automotivo, alimentos, plástico, metalúrgico e siderúrgico.

É fato que a apreciação do real tem função definida no atual momento econômico e, graças a ela, a dívida líquida do setor público registrou sensível queda no primeiro quadrimestre. Os números do Banco Central mostram que a dívida fechou em

abril em R\$ 956,677 bilhões, 50,1% do PIB, redução de 1,5 ponto percentual desde o início do ano. Em maio, está previsto queda da barreira dos 50%, como antecipou o chefe do Departamento Econômico do BC, Altamir Lopes, para quem a dívida líquida deve chegar em maio a 49,8% do PIB. Nesse caso, vale lembrar que em abril só a valorização de 5,06% no câmbio representou recuo de 0,4 ponto percentual na dívida.

Dependendo do câmbio, no final do ano, repetiremos, ou não, o índice de 51,6% da relação dívida/PIB de dezembro de 2004. Se o superávit primário não ficar no limite de 4,25% do PIB em dezembro — porque não será possível manter até o final do ano ministérios, como, por exemplo, o da Saúde, pagando apenas 0,11% dos gastos autorizados até maio —, a taxa cambial precisará dar a sua colaboração na “tarefa” de manter a dívida líquida sobre controle, como desejam os investidores externos.

O atual valor do câmbio construiu também a desaceleração do Índice Geral de Preços de Mercado (IGP-M), que em maio alcançou deflação de 0,22%, contra a alta de 0,86% em abril. Essa queda registra o

fim da influência do atacado na inflação, porque o real apreciado derrubou em abril o preço de combustíveis e lubrificantes (0,38%) e ferro, aço e derivados (0,55%). O câmbio acomodou preços de matérias-primas agropecuárias como o milho, deflação de 3,71%, e soja, com perda de preço no mês passado de 6,87%. Resultado: em média, os produtos agrícolas acumularam deflação em abril de 3,42%, o menor patamar desde maio de 1999. Sem outra alternativa, colheitadeiras e tratores trocaram a terra pelo asfalto.

O estudo do Ciesp avisou que a “destruição da vocação exportadora é lenta e silenciosa”. O IBGE também avisou que o PIB perdeu aceleração no primeiro trimestre e o desemprego na Grande São Paulo subiu, em abril, pelo terceiro mês consecutivo. A Sondagem Conjuntural da Indústria de Transformação, da Fundação Getulio Vargas (FGV) mostrou que em abril o otimismo dos empresários recuou 3 pontos em relação a outubro. Nada disso preocupa os adeptos da total permissividade no câmbio. Até quando?

Para imprimir, enviar ou comentar, acesse:
www.gazetamercantil.com.br/editorial